

HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO E LITERATURA: ESFORÇOS PARA UMA CALIBRAÇÃO DIALÉTICA

Lucas André Berno Kölln¹

Resumo: Esse artigo pretende ponderar sobre o diálogo possível entre a assim-chamada História Social do Trabalho e as fontes literárias, tomando como base a evolução própria no campo dos estudos literários e nos estudos historiográficos do mundo do trabalho e dos trabalhadores, especialmente a partir das pesquisas propostas pelos marxistas britânicos. Nesse sentido, busca-se investigar como a forma de apropriação da literatura presente nas obras de Thompson se estrutura sobre uma mudança de inflexão no tratamento das obras literárias e nos objetivos de investigação pretendidos tendo-as como fonte e objeto de análise.

Palavras-chave: História Social do Trabalho, Literatura, Marxismo Britânico, E.P. Thompson

Abstract: This paper aims at discussing the possible dialogue between the so-called Social History of Labor and the literary sources, taking as a basis the evolution on the field of literary studies and in the historical studies on the world of work and workers, specially through the researches made by the British Marxists. In this sense, it aims at investigating how the approach of literature of Thompson's books is structured upon a change in the inflection of literary handling and in the goals pursued through this handling.

Keywords: Social History of Labor, Literature, British Marxism, E.P. Thompson

Introdução

Quando os historiadores vinculados ao Partido Comunista inglês, nos anos 1950 e 1960, resolveram romper com certas diretrizes partidárias e com certos aspectos do *establishment* intelectual e acadêmico no que tange à interpretação da história, os olhares de Clio e Calíope, que há tanto tempo encaravam-se, se adensaram.

Preocupados com os desdobramentos do avanço do estruturalismo junto à intelectualidade europeia e com o caráter cada vez mais dogmático

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

das diretrizes stalinistas, aqueles historiadores se arriscaram a olhar para os mundos do trabalho e para os trabalhadores buscando ali uma aproximação mais sensível e mais acolhedora. Se aquela era a classe revolucionária, cuja missão histórica era fazer frente ao avanço e à continuidade do capitalismo, cabia buscá-la com humildade e ouvi-la com ampla sinceridade.

O partido e o sindicato não eram os únicos, nem necessariamente os melhores, lugares para travar contato com esses trabalhadores. Aliás, as instituições de representação, a começar pelo próprio PC, estavam sob desconfiança crescente, uma vez que os anos 1950 foram o palco do célebre XX Congresso Internacional do Partido Comunista. O esforço se deu, portanto, num voltar-se às fontes e aos indícios históricos para tentar perceber os trabalhadores para além desses locais clássicos de encontro, organização e militância. E isso requeria que se redefinisse em alguma medida as concepções sobre trabalho e trabalhadores, bem como a inflexão que se buscava para afinar os instrumentos de análise no sentido dessa percepção e problematização.

É a partir daí, me parece, que a literatura passou a se apresentar como uma fonte consideravelmente mais fecunda do que havia sido, em geral, até então.

Ao questionar as certezas conceituais do estruturalismo e do stalinismo, os marxistas britânicos acabaram por propor um escopo novo de análise para grandes domínios da ciência histórica. Esses historiadores perceberam que entre os homens e mulheres atrelados aos mundos do trabalho (no presente e no passado) e aquela classe trabalhadora da "teoria marxista oficial" havia talvez mais diferenças do que semelhanças. Deram-se conta, portanto, que para compreender a trajetória histórica dos trabalhadores não bastava reduzi-los à grade explicativa existente, pois querer encaixá-los nessa fôrma levava-os mais à redução numa dicotomia alienado-revolucionário (cujos critérios eram no mínimo dúbios) do que a uma concreta interpretação e entendimento de sua vida cotidiana e prática.

Num tal estado de coisas, a literatura apresentava-se curiosamente mais repleta e pulsante de realidade do que os modelos interpretativos.

Valer-se dela, no entanto, não era uma novidade, o que exige-nos um esforço no sentido de perceber o lugar que ocupa essa relação com a literatura diante das tradições historiográficas de investigação do trabalho e dos trabalhadores. Partindo-se do pressuposto de que a chamada História Social do Trabalho reivindicou amplamente um referencial teórico marxista, tanto epistemológica quanto filosoficamente, um breve retorno aos escritos de Marx, no que tange à presença da literatura, talvez venha a calhar no sentido de estabelecer aqui uma diferença de inflexão das abordagens e dos procedimentos - diferença de inflexão mais do que diferença de natureza.

Ao longo de suas obras, são abundantes as referências de Marx e Engels a escritores e a obras literárias, indo desde escritores da Antiguidade Clássica até contemporâneos seus (passando pelo medievo, renascimento e era moderna), demonstrando tanto a erudição dos dois pensadores quanto sua perspicácia em notar nestas obras e autores pontos de intersecção com sua ambiciosa teoria histórica. Não é preciso citar nominalmente nem quantificar essas referências para ter-se uma noção da envergadura de sua presença e de sua relevância, mas parece-me que nos cabe compreender, grosso modo, a lógica e as implicações peculiares dessa presença da literatura nas obras de Marx e Engels.

Como fazem parte de um projeto ambicioso e abrangente, e como ganham materialidade especialmente a partir da tarefa de criticar sistematicamente a Economia Política e inaugurar as bases filosóficas e políticas de uma nova sociedade, as referências à literatura tendem a aparecer estreitamente amarradas a essas preocupações. Neste sentido, portanto, é a construção de uma teoria da história e a compreensão crítica exaustiva do capitalismo as tarefas que mais frequentemente mobilizam a literatura nos escritos de Marx. A literatura acaba por aparecer mais assiduamente com funções de demonstração e evidência, servindo ora como

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

metáfora ou analogia de explicação (como as fábulas de Esopo servem à explicação da divisão manufatureira do trabalho, por exemplo), ora como espirituoso recurso encaminhador de uma discussão filosófica (como a curiosa exploração de Marx acerca do romance de Eugène Sue serve aos propósitos de reflexão de *A sagrada família*).

Em grande medida, ficam mais insinuados do que desenvolvidos com fôlego os circuitos mais, digamos, "internos" das obras literárias em questão, restringindo-se Marx a tratá-las *en passant* pelo fato de que seus propósitos analíticos neste ou naquele momento voltam-se primordialmente às tarefas supracitadas - e não à fruição mais específica de uma obra ou de um escritor em si. Talvez se possa dizer, com algum exagero argumentativo e terminológico, que a literatura costuma aparecer em Marx com um caráter mais representativo e exemplar do que sistemático; aparecendo ela (e o verbo "aparecer" aqui é importante, como esclarecerei adiante) mais como elemento funcional à análise do que algo que mobilize a partir de si a análise. É por isso que as reiteradas vezes em que Balzac surge no texto de Marx, costuma ser para ajudá-lo a falar sobre a estrutura de classes e a estratificação e dinâmica da sociedade francesa, sendo os personagens balzaquianos e suas atitudes comumente referidos como indicativos ou representativos de comportamentos, classes ou posturas políticas encontradas nessa sociedade tal como analisada por Marx. Ou seja, a presença literária cumpre fartamente a função exemplar, especialmente considerando que dentro do escopo de esforço (abrangente e absorvente) de compreender sistemicamente o capitalismo, essa apropriação literária aparece como subsidiária ao propósito maior.²

² Mesmo prefaciando o livro 'A filosofia de arte de Karl Marx' (sem tradução), de autoria do crítico de arte Mikhail Lifschitz (que trabalhara durante anos no Instituto Marx-Engels em Moscou), Terry Eagleton sente-se compelido a dizer, numa espécie de nota esclarecimento: "Dado o fato de que Karl Marx tinha em suas mãos tarefas mais urgentes do que a formulação de uma teoria estética, o título desse livro pode parecer demasiadamente ambicioso." (tradução livre) (EAGLETON. Preface. In: LIFSCHITZ, Mikhail. *The philosophy of art of Karl Marx*. Translated by Ralph B. Winn. New York: Pluto Press, 1938. p. 7).

Ainda em tempo, a explicação: a razão pela qual o verbo "aparecer" foi escolhido no parágrafo anterior é a de notar uma distinção e fazer justiça à perspicácia e à sensibilidade de Marx no trato da literatura e de seus meandros. Se no correr do texto a literatura apareça sendo tratada acessoriamente em relação ao propósito de discussão mais abrangente, não podemos tomar isto como suposta prova de uma apropriação superficial do material literário. A presença dela com esse caráter se deve a uma opção metodológica consciente, em que impõem-se sacrifícios de ordem exploratória diante de uma preocupação de abrangência mais determinante, propósito manifesto e existencial de Marx e de sua obra - a crítica da Economia Política. Tão logo se foge a essa pressuposição fácil (e falsa), e se investiga com maior rigor as inúmeras notas esparsas de Marx sobre literatura, ou tão logo se trava contato com algumas das correspondências e anotações dele sobre literatura e arte, percebe-se que as menções breves e exemplificadoras pressupõe uma sensibilidade subjacente poderosa, somente cosida com precisão cirúrgica dada a natureza e os objetivos dos textos em que aparecem. Trata-se de uma situação assim dada por razões circunstanciais, e não essenciais. Do contrário não haveria de existir a perspicácia subjacente na passagem em que Marx, criticando a docilidade dos pensadores para com os argumentos místicos ou idealistas, escreve que "Dom Quixote pagou caro o erro de acreditar que a cavalaria andante era uma instituição compatível com todas as estruturas econômicas."³ Ou, ainda, quando sendo mordaz com a Junta espanhola em suas preocupações quanto às formalidades, compara-os aos "pretensiosos heróis de Calderón, que, confundindo a distinção convencional com a grandeza autêntica, costumavam se anunciar com uma entediante enumeração de todos os seus títulos honoríficos (...)", arrematando em seguida que o "(...) fato de os chefes da Espanha em revolta se preocuparem, antes de tudo, em vestir-se

³ MARX, Karl. *O capital - Crítica da Economia Política*. 22ª ed. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 228.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

com trajes teatrais, a fim de entrar majestosa e dignamente na cena histórica, estava de acordo com a antiga escola espanhola."⁴

Por isso é que a "aparição" dessas menções literárias não podem ser tomadas como alfa e ômega das concepções marxistas sobre a literatura: só porque aparecem sob um determinado enfoque (o exemplar, representativo) não significa que do ponto de vista epistemológico sejam concebidas somente deste modo (como se ignorassem a existência de uma lógica interna na construção literária). Talvez se possa dizer, fazendo eco aos reclames de Thompson, que Marx acabou ficando "preso, durante algum tempo, na armadilha dos circuitos do capital".⁵

Não é por outro motivo que postas lado a lado, e diante da teoria histórica e social de Marx e Engels, essas menções, referências e passagens têm dado fôlego admirável à construção e à costura de diversas propostas de uma estética marxista. E não é à toa que grandes pensadores do marxismo dedicaram seus esforços no cotejo e exploração da literatura, sendo capazes de demonstrar que orbitando ao redor daquele sistema de pensamento tão longamente perseguido por Marx e Engels haviam outros sistemas teóricos aos quais não lhes foi dada a oportunidade de aguçar e lapidar.

Esta digressão inicial serve ao propósito de demonstrar que entre as abordagens clássicas acerca do trabalho (tal como a exaustiva investigação de Marx sobre a divisão capitalista do trabalho e seus efeitos) e as abordagens praticadas pela assim-chamada História Social do Trabalho, a apropriação da literatura tende a seguir tendências, pressupostos e funções distintas, que são históricas pelas transformações nos mundos do trabalho e dos trabalhadores, mas também porque respondem à evolução própria do conhecimento e da teoria. Neste sentido, a figura e as contribuições de E.P. Thompson foram verdadeiramente pivotais, tanto por sua particularidade

⁴ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 201.

⁵ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou Um planetário de erros*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. p. 181.

intelectual quanto pela envergadura representativa dele em termos de historiografia, dentro e fora do marxismo.

Uma vez que circunscreve a discussão de como a literatura pode servir de fonte e objeto para as investigações da História Social do Trabalho, este artigo busca delimitar (ainda que brevemente) como essa fonte e sua linguagem específica encontram-se delineados nos escritos de Marx em termos de abordagem, para que seja então capaz de notar como há uma continuidade concreta entre estes e os trabalhos dos marxistas britânicos. Contudo, preocupa-se também este artigo em conseguir perceber que, a despeito da continuidade, as reviravoltas próprias do marxismo, da historiografia e da teoria social impuseram o peso de seus avanços e ponderações a ponto de que haja uma modificação considerável em termos teóricos e metodológicos nessa apropriação da literatura pela historiografia. Contemplando a ambas as preocupações encontra-se a obra de Thompson, motivo pelo qual ela nos serve como ponto privilegiado de discussão.

Thompson, a literatura e os trabalhadores

Se *A formação da classe operária inglesa* (1963) é considerada uma obra seminal dentro dos estudos de História Social do Trabalho, não se pode furtar-se ao reconhecimento de que ela, e especialmente seu autor, estão em amplo débito com a literatura. A recorrência e a profusão de exemplos literários nas páginas d'*A formação da classe operária inglesa* não nos deixa perder de vista que seu autor tenha, antes mesmo dela, publicado um estudo volumoso sobre William Morris⁶, tratando de temas literários e políticos numa grade historiográfica sem deslizar nem para um simples diletantismo de crítico amador, nem para uma apropriação hierarquizante e externa da literatura. O mesmo feito se repete quando Thompson fala dos romancistas e

⁶ THOMPSON, E. P. *William Morris - Romantic to revolutionary*. Pantheon Books: New York, 1976.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

escritores ingleses⁷ e quando publica sua obra sobre o poeta William Blake.⁸ Tudo isso, aliás, torna bem menos espantoso que um livro tal como *The Sykaos Papers*⁹, obra de ficção científica, tenha sido publicado pelo autor em 1988.

Suponho que esta seja uma seara adequada para que possamos proceder a compreender as implicações que Thompson trouxe à investigação historiográfica tomando como base a literatura, e em especial à investigação da história social do trabalho e dos trabalhadores: a construção de concepções teóricas e de procedimentos metodológicos que permitiram, a um tempo, contemplar as rigorosas exigências historiográficas e satisfazer os critérios de perspicácia e sensibilidade reivindicadas pela boa Crítica literária.

E eis que delineia-se a pergunta: mas como pôde Thompson construir essas leituras sem prejuízos essenciais para nenhum dos campos envolvidos e quais foram os meios por ele empregados para fazê-lo?

A resposta a uma tal pergunta passa pela evolução própria do marxismo e das ciências humanas como um todo em meados do século XX, e especialmente pelo desenvolvimento e crítica dos pressupostos estruturalistas ao longo das décadas de 1950 e 1960. O enfrentamento de Thompson a Althusser emblematiza uma série de desafios (dentro e fora da historiografia) em relação ao paradigma estruturalista como forma mais apurada de explicar problemas sociais e históricos. O desafio era posto, em grande medida, sobre a postura dos estruturalistas e sobre o papel e o peso explicativo que as estruturas (sejam elas o inconsciente de Lévi-Strauss ou a ideologia de Althusser, para citar somente dois) deveriam ter sobre o conjunto da investigação. A primazia que vinha sendo concedida aos modelos e às estruturas dentro das investigações acabava por fixá-los como

⁷ THOMPSON, E. P. *Os românticos - A Inglaterra na era revolucionária*. Tradução de Sérgio Moraes Rêgo Reis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁸ THOMPSON, E. P. *Witness against the beast - William Blake and the Moral Law*. New York: The New Press, 1993.

⁹ THOMPSON, E. P. *The Sykaos Papers*. London: Bloomsbury, 1988.

verdadeiros objetivos finalistas da pesquisa, sendo os fatos empíricos tomados como simples plataformas para alcançar essa "verdade superior" da estrutura.

Correndo o risco de tornarmo-nos simplificadores em demasia, mas aceitando o ônus do pragmatismo que o espaço nos exige, limitemo-nos a comentar que, desse ponto de vista estruturalista, os detalhes mais práticos e mundanos da vida cotidiana praticamente perdiam sua razão de ser, tornando-se subsidiários de uma suposta estrutura que os continha a todos. Ao passo que a estrutura tornava-se a explicação última do conjunto das coisas (com certas presunções essencialistas, inclusive)¹⁰, as sensações, as pequenas atitudes, as afeições subjetivas e as questões de ordem moral, experimentadas na carne pelos sujeitos históricos, acabavam se tornando pouco relevantes em si, sendo interessantes somente na medida em que corroboravam ou destoavam das determinações prescritas por aquela estrutura. Ressaltemos que nesse escopo de interpretação o que os sujeitos pensam sobre si próprios, sobre os outros e sobre o mundo pouco importa, já que não expressam nada que não seja manifestação de alguma estrutura.

Em suma, a peculiaridade que constitui o processo histórico, sua inediticidade em termos humanos e, conseqüentemente, o material empírico que serve aos historiadores em sua faina intelectual, tudo isso passa a ser considerado como elemento de segunda importância dada a proeminência teórica e metodológica das estruturas. Tanto é esse o *state of affairs* em estabelecimento, que por diversas vezes Lévi-Strauss reiterou o papel acessório e subsidiário que deveria ter o historiador em relação ao antropólogo, vendo-o como uma espécie de recolhedor e curador de fatos, mais do que intérprete científico.¹¹

¹⁰ Lévi-Strauss, a despeito de sua inestimável contribuição em diversos aspectos da investigação social, ficou conhecido também por ter tentado trazer de volta o uso a noção de 'Homem' com 'H' maiúsculo.

¹¹ Vide, por exemplo, o ensaio 'Etnologia e História', presente em: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural*. Tradução de Eginardo Pires e Chaim Samuel Katz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985. pp. 13-41.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

Nesse ínterim, mais duas questões fazem-se fundamentais para compreender as razões e a riqueza da aproximação da história social do trabalho e da literatura. A primeira delas é que esse escopo de interpretação, numa investigação sobre os mundos do trabalho e dos trabalhadores, tende a prender o trabalhador à grade econômica e ignorar quase que por completo suas impressões e leituras sobre sua condição, donde compreende-se não custar tanto aos estruturalistas pressupor que posição econômica equivale à consciência de classe, por exemplo. A segunda questão diz respeito à literatura: a realidade cotidiana, subjetiva e prática que o estruturalismo tende a conceber como ignorável em si costuma ser o chão mais fundamental de constituição da realização literária (em termos estéticos e artísticos). O estruturalismo que se constituiu nos estudos literários, aliás, arvorou-se numa leitura intensamente formal e "internalista" da obra, operando "de dentro" da literatura o expurgo de tudo o que lhe vinha "de fora"¹², do mesmo modo que (invertidamente) na história se operou o expurgo de tudo aquilo que não fosse traduzível em termos estruturais. À luz dessa situação, há uma conjunção de interesses minimamente palpável numa crítica ao estruturalismo, pois restituir teórica e metodologicamente a importância da vida concretamente vivida e suas circunscrições não formalizadas era um ponto que congregava história e literatura.

Ainda que *A formação da classe operária inglesa* seja um estudo *in loco* da questão do trabalho e dos trabalhadores; e ainda que os textos sobre Blake e Morris talvez fossem mais atinentes ao problema da literatura, sendo talvez, portanto, mais indicados para uma discussão como a deste artigo, ousamos crer que o capítulo sobre a "experiência" apresenta uma provocação teórica e metodológica que toca num ponto fundamental do debate sobre a relação entre história e literatura. E assim sendo, talvez

¹² Apesar das dubiedades de um Roland Barthes, tornou-se clássico um estudo seu intitulado 'A morte do autor', sendo reclame de outros críticos estruturalistas (como Todorov, por exemplo) que o estudo da literatura podia prescindir do conhecimento de seu autor.

apresente um encaminhamento menos definitivo e seguro, logo mais vulnerável e provocativo, que serve melhor ao propósito de abrir-se ao avanço do que fechar-se sobre si próprio. Desse espírito, inclusive, talvez agradasse mais ao próprio Thompson, que escreveu que devíamos todos nos matricular na "escola do estranhamento", pois "Cada vez que saímos da apatia, somos levados para fora das convenções dentro das quais a vida encontra-se confinada."¹³

É possível perceber isso numa das passagens mais conhecidas do capítulo sobre a experiência, onde se apercebe o fôlego necessário para compreender a conjunção de história e literatura nesse escopo diferencial que Thompson buscou estabelecer. Criticando os esquemas interpretativos de Althusser, ele escreveu:

Essas perfeitas criações idealistas magnificamente costuradas com um ponto conceptual invisível, acabam sempre na banca de liquidação. [Nessas] [...] os sentidos empíricos são obstruídos, os órgãos morais e estéticos são reprimidos, a curiosidade é sedada, todas as evidências 'manifestas' da vida ou da arte são desacreditadas como 'ideologia'; o ego teórico cresce (pois tudo o mais é mistificado pelas 'aparências'), e os devotos se reúnem fervorosamente em torno do Modo de Produção.¹⁴

A "reunião fervorosa dos devotos em torno do Modo de Produção" pode ser compreendida, num sentido mais geral, como a busca obsessiva do estruturalismo pelas certezas dos modelos e das estruturas, os quais supostamente continham a verdade última de explicação do conjunto da vida social e subjetiva. Perceba-se que Thompson menciona especificamente ora "os órgãos estéticos e morais" e ora "as evidências 'manifestas' da vida ou da arte", dizendo que ambos foram "desacreditados como 'ideologia'" - sendo esta última a pedra angular da ideia de estrutura althusseriana. Na medida em que as estruturas não são suficiente para explicar a vida, também não são suficientes para dar conta de ponderar

¹³ THOMPSON, E. P. *Revolution*. In: THOMPSON, E. P. (org.). *Out of Apathy*. London: New Left Books, 1960. p. 287.

¹⁴ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou Um planetário de erros*. op. cit. p. 183.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

sobre as vicissitudes da arte, de modo que ambas se encontrem no que tange a desafiar as prepotentes certezas do estruturalismo.

Quanto à exploração do trabalho e dos trabalhadores na história, portanto, há uma conjunção em que as evidências literárias servem como problema digno de ser tratado em termos historiográficos. Ambos se constituem a partir de um diálogo de mais ampla e profunda proximidade com o desenrolar no processo histórico propriamente dito, sendo por essa razão capazes de levantar e trazer à atenção do pesquisador dimensões da vivência histórica que sob um prisma estruturalista seriam ignoráveis. Apesar de todos os problemas que uma afirmação como a seguinte pode ter¹⁵, ousemos dizer que houve uma aproximação de literatura e historiografia em diversos aspectos, embora sejam notáveis as suas diferenças.

As afirmações de Thompson (dentre as quais destacamos somente algumas nesse artigo) alteram consideravelmente as formas de proceder quanto à análise do processo e dos sujeitos históricos. Elas deslocam a inflexão interpretativa operante em Althusser¹⁶ e no paradigma estruturalista a ponto de se poder dizer que praticamente altera a natureza epistemológica das abordagens. Não se tratava somente de ajustes em nome de uma historiografia mais verossímil ou mais realista. E isto repercute amplamente sobre o estudo historiográfico do trabalho e dos trabalhadores, e também sobre a utilização da literatura nesse ínterim.

Basta retomar o (enviesadamente iconoclasta e estranhamento respeitoso) prefácio de *A formação da classe operária inglesa* para notarmos que trabalho, trabalhadores e classe trabalhadora jamais poderiam ser

¹⁵ Ainda mais em tempos 'pós-Hayden-Whiteanos'...

¹⁶ Apesar das colocações reprimendas e desabonadoras que têm sido feitas nesse artigo a Althusser (e que fazem coro a uma plethora de críticas coerentes demais para serem desmentidas integralmente), me parece que uma apreciação menos acalorada sobre seus argumentos deva ainda ser conduzida tomando como base a natureza das categorias analíticas e as formas de enunciação próprias da Filosofia em relação a outros campos do conhecimento.

tomados como termos, conceitos ou categorias analíticas auto-evidentes.

Thompson não se acanha ao asseverar que

Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo classe como 'estrutura', nem mesmo como uma 'categoria', mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. Ademais, a noção de classe traz consigo a noção de relação histórica.¹⁷

E ao não se acanhar, ele reabre as veias de um paradigma que havia se tornado em diversos aspectos moribundo, não temendo que com o novo sangue e os novos ares pudessem vir infecções e tempestades. Consciente dos desafios a ele impostos pelas reviravoltas históricas, Thompson muda a inflexão interpretativa encontrada em Marx precisamente para manter-se abastecido da seiva dessa tradição.

Assumindo a não auto-evidência do conceito de trabalhador, e instando aos historiadores a ponderar sobre aquilo que os sujeitos por ele tratados como trabalhadores pensam sobre sua condição e sua identificação social e de classe (por exemplo), Thompson deslocou os interesses interpretativos para além de uma redução à grade econômico-estrutural ou à grade racional-formal: ele preencheu de historicidade as categorias explicativas, e tornou os conceitos apreensíveis somente em sua processualidade, isto é, dialeticamente. Uma história do trabalho nesses termos não poderia mais restringir-se aos velhos problemas e à velha linguagem, ela tinha de se desdobrar, enriquecer-se, complexificar-se.

A atenção sobre a forma como a vida subjetiva e prática dos trabalhadores se desenrolava não permitia mais que as componentes econômico-estruturais fossem tomadas como verdades auto-evidentes, pois desse modo padeciam de uma idealização formal, não sobrevivendo "ao teste da vida". Aprender as formas da vida subjetiva e prática, dos "comportamentos e crenças" e dos costumes e tradições, tornara-se a chave

¹⁷ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa - Volume I*. Tradução de Denise Bottmann. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. p. 9.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

para a compreensão da história dos trabalhadores e para a mobilização em nome de sua função histórica. Mais do que outrora, pois, a literatura estava equipada para dar suporte a esses propósitos.

Problemas tais como a determinação material, as pressões estruturais, a consciência de classe e as formas de luta e de resistência, deixando de corresponder mecanicamente ao esquema interpretativo traçado *a priori*, passam a ser mobilizados a partir da vida, organicamente imbricados nela mesma. É sobre isso que Thompson fala quando escreve que nos modelos estruturalistas "Não só o conhecimento substantivo, mas também os próprios vocabulários do projeto humano - compaixão, ambição, amor, orgulho, auto-sacrifício, lealdade, traição, calúnia - foram devorados até os circuitos do capital."¹⁸ Subjetividade histórica e materialidade econômica não precisam se anular nem se hierarquizar canhestamente, pois passam a manter-se em suspensão dialética, iluminando-se mutuamente.

Pensando especificamente no impacto mais concreto sobre o diálogo entre história social do trabalho e literatura, pode-se dizer que com as mudanças no tratamento de trabalho e trabalhadores, a transposição de linguagens não constitui mais uma barreira apesar de suas distinções. A noção de trabalhador ganha uma concretude mais afeita à literatura na medida em que tem suas dimensões morais, práticas, subjetivas, materiais (etc.) reconhecidas pela historiografia, tornando a literatura uma fonte menos óbvia e bastante mais interessante.

A literatura não opera com as categorias da historiografia, estando menos preocupada com os problemas de uma racionalidade mais estrita, e mais atenta aos problemas da sensibilidade (inclusive como condição para sua realização estética e artística). Logo, se opera-se com uma noção unidimensional de trabalhador (uma que o concebe como "manifestação" da estrutura material ou resultado de um enquadramento nela), o intercâmbio com a literatura ou (1) se dá pelo viés de mera comprovação, pressupondo

¹⁸ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou Um planetário de erros*. op. cit. p. 185.

assim uma transposição pura e simples de realidade à ficção (não servindo a obra literária como muito mais do que prova ou contra-prova do argumento historiográfico); ou (2) mostra-se inadequado e dificilmente aplicável uma vez que entre trabalhador e personagem existe um abismo, dado que o esforço de sensibilidade literária o estranha com a noção historiográfica em questão. Não é preciso grande perspicácia para notar que ambas são extremamente pobres e superficiais.

No caso (1) tende a prevalecer uma leitura externalista da literatura, diria algo utilitarista, que não reconhecendo nela autonomia de elaboração alguma, falha em torná-la uma fonte de interesse amplo. A literatura torna-se completamente subsidiária ao argumento historiográfico porque este já se encontra definido de antemão, não servindo ela como suscitadora de problemas, mas meramente como demonstração que corrobora uma hipótese ou dissuade outra. É importante notar que esse uso da literatura é legítimo desde que não se arvore em concepções de reflexo mecanicista, mas tende a se empobrecer pela historicização superficial de que costuma padecer, frequentemente determinística.

Em relação ao caso (2) o estranhamento entre a noção de trabalhador estruturalista e um personagem talhado literariamente se dá pela lógica de construção e de tratamento que cada uma, literatura e historiografia, buscam lhes dar. O esforço de verossimilhança da literatura costuma se desdobrar no trabalho e retrabalho sobre experiências subjetivas e com potencial estético, buscando dar ao personagem tanto feições que o tornem tangível aos leitores (porque talhadas na "matéria humana real") quanto também traços mais dados à "irrealidade", os quais respondem pela dimensão estética e incidem sobre aquela matéria humana real com vistas à realização catártica e artística. A interpretação estruturalista vê como meramente acessório esse mesmo esforço de verossimilhança da literatura, pois o domínio onde se arvora a literatura é o mesmo domínio que busca transcenderem os estruturalistas quando buscam as estruturas. Logo, se trabalhador for entendido como noção que decorre simplesmente da

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

posição estrutural, os personagens literários tenderão a ser estranhos ao estudo dessa história do trabalho, sendo parcamente utilizáveis de fato como alavancadores de questões.

Para uma calibração desse tratamento, pode-se retomar a noção de classe proposta por Thompson (esculpida e urdida historicamente) e tentar entender como ela impacta sobre a noção de trabalho, para que então se compreenda como isso irá atingir, por sua vez, a noção de trabalhador. Se, dentro desse estado de coisas, formos capazes de compreender trabalho como algo mais do que índice de localização estrutural, e se conseguirmos abordá-lo, num sentido mais lato, como pedra de toque entre sujeito e sociedade, e entre homem e materialidade, creio que possamos compreendê-lo como processo (noção cara a Thompson e à historiografia) e também como ação concreta (material e culturalmente orientada) sobre o mundo. Nesse sentido, por exemplo, a classe social determina o trabalho, mas o trabalho também determina a classe social, pois a atividade material e concreta sustenta a localização econômico-estrutural, mas essa localização condiciona a própria experiência do trabalhar. Ambos, trabalho e pressão estrutural, são vividos e experimentados como processo concreto de existência - em seus caracteres sociais e econômicos, mas também culturais, políticos, religiosos, morais, subjetivos etc.

É em torno dessas mudanças e deslocamentos que se consolida a ideia de uma 'experiência', tal como Thompson a define:

[...] quanto à 'experiência': fomos levados a reexaminar todos esses sistemas densos, complexos e elaborados pelos quais a vida familiar é estruturada e a consciência encontra realização e expressão [...]: parentesco, costumes, as regras visíveis e invisíveis da regulação social, hegemonia e deferência, formas simbólicas de dominação e de resistência, fé religiosa e impulsos milenaristas, maneiras, leis, instituições e ideologias - tudo o que, em sua totalidade, compreende a 'genética' de todo o processo histórico, sistemas que se reúnem todos, num certo ponto, na experiência humana comum, que exerce ela própria (como

experiências de classes peculiares) sua pressão sobre o conjunto.¹⁹

Compreendido na acepção de processo mais do que (ou tanto quanto) índice estrutural, trabalho torna-se experiência, e como tal redimensiona o conjunto de preocupações interpretativas de qualquer estudo que queira compreender a história dos mundos do trabalho e dos trabalhadores. Problematizar a trajetória histórica dos trabalhadores significa compreender o decorrer concreto de sua existência concreta, mais do que limitar-se à "solução pelo alto", que tomava a realidade estrutural como auto-evidente e como tese última da explicação de todos os pormenores da vida de dia após dia. Compreender a história dos trabalhadores passava a depender mais e mais da capacidade de abordá-los como sujeitos que, a despeito de material e estruturalmente ocuparem uma determinada posição, ainda continuavam sendo filhos e filhas, pais e mães, amantes, adúlteros, homens e mulheres, maridos e esposas, crentes ou descrentes, grosseiros ou polidos, sonhadores ou pragmáticos, tagarelas ou calados, ardilosos ou turrões (etc.).

Sem abandonar o fato de que as estruturas existem e que exercem pressões de enquadramento, exploração e enfrentamento (em termos de classe) sobre os sujeitos sociais, o novo desafio era relativizar metodologicamente o peso interpretativo de estrutura para perceber como se desenrolava a experiência propriamente dita de viver sob sua sombra. Essa relativização (estratégica e não absoluta, é importante notar) criava um amplo espaço e propícias condições para que a literatura pudesse ser mobilizada num sentido menos restritivo e mais, diria, instigante.

É como se o historiador se deixasse seduzir pela literatura para atestá-la "por dentro", como se visando a estudar a anatomia da baleia procedesse como Jonas e se deixasse por ela devorar. Se for capaz de fazer isso, os elementos do texto literário deixam de precisar ser "somente" prova ou contra-prova de um argumento previamente definido, corroborando-o ou

¹⁹ *Idem, ibidem*, pp. 188-189.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

desbaratando-o, mas passam a ser eles próprios problemas históricos (ainda que apresentados literariamente).

É por essas razões que Thompson conseguiu fazer de uma exegese do romance de Thomas Hardy, do polimento que lhe permite uma apropriação muito específica de certos elementos da trama, surgirem questões que mobilizam discussões historiográficas tão bem estruturadas, tais como a dialética histórica da educação e da experiência.²⁰ Não é outra, também, a razão que faz com que da poesia de Blake pudesse ser mobilizada matéria para a discussão das formas religiosas e místicas que se entrelaçavam à luta social e dos enfrentamentos econômicos na passagem da sociedade inglesa para uma era industrial.

Esses dois exemplos nos oferecem a possibilidade de tocar brevemente em uma questão de ordem metodológica que diz respeito à intersecção possível entre história do trabalho e literatura. Dentro do conjunto de fatores que levantamos até esse ponto da discussão, e considerando a presença crescente da literatura nos quadros da historiografia recente, o desafio metodológico em pauta envolve (1) a capacidade de reconhecer a autonomia da literatura enquanto construção intelectual, sabendo, pois, lidar com suas entranhas estéticas e com sua lógica própria; e (2) saber realizar, a partir desses quadros, os recortes de circunscrição dos temas e problemas vinculados aos mundos do trabalho e dos trabalhadores.

O desdobramento (1) envolve tanto a sensibilidade do historiador em relação às suas fontes (o reconhecimento de sua especificidade como linguagem), quanto também sua capacidade de notar os liames próprios que separam e distinguem seu campo do conhecimento da construção literária. Isso é crucial para que não nos percamos na seara daqueles que têm proposto que Clio e Calíope são gêmeas siamesas, e também para que não caiamos nas auto-ilusões da arbitrariedade, quando se ignora que a

²⁰ Trata-se do ensaio 'Educação e experiência', presente em: THOMPSON, E. P. *Os românticos - A Inglaterra na era revolucionária*. op. cit. pp. 11-47.

'aparição' de um tema ou de um elemento histórico está organizado em torno de seu funcionamento literário. Como disse certa feita o crítico literário Jean Starobinski ao advertir os historiadores, "O movimento centrífugo, que vai da obra a seus antecedentes ou a suas vizinhanças [*que são históricas*], será apenas uma rota de acaso, se não for guiado pelo conhecimento das estruturas internas da obra."²¹

É somente a partir desse conhecimento mais específico que se poderá operar o passo metodológico (2), pois ele é um dos pontos cruciais para a efetivação de uma proposta de história social do trabalho. Nos livros onde a presença de trabalhadores é assim nomeada e se constitui como um dos eixos de construção da trama, isto é um desafio menor porque mais óbvios os pontos do corte (essa é uma das razões pelas quais os historiadores têm se amparado frequentemente numa apropriação mais realista da literatura). Naqueles livros onde os personagens ou as situações não são descritos ou analisados dando ênfase à sua dimensão econômica, social ou laboral, essa apropriação costuma ser mais delicada, pois exige um fôlego maior no desbravamento dos meandros formais da história. Nesses casos tem de haver um esforço, que cabe ao historiador, de cobrir a distância que separa personagem de sujeito social, e sujeito social e trabalhador, e essa distância só é coberta se for-se capaz de conceber o trabalho como pedra de toque entre sujeito e sociedade e entre sujeito e mundo material, isto é, como verdadeiro busilis da interpretação da história.

É uma apropriação menos óbvia mas que tem a virtude de, apropriando-se da ideia de trabalho num sentido mais lato, torná-la ponto-chave de interpretação do processo histórico num sentido amplo, congregando numa costura difícil os avanços do marxismo britânico com posições firmes do materialismo histórico dialético de Marx e Engels. Na medida em que a condição social e econômica não é sofrida como sina mas

²¹ STAROBINSKI, Jean. O texto e seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (orgs.). *História: Novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. p. 134.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

experimentada concretamente na vivência histórica (em toda a sua complexidade), o trabalho pode ser retomado como momento privilegiado em que sujeito e estrutura são postos em contato, dialeticamente, logo, desenha-se uma interpretação materialista da história menos sujeita a economicismos e reducionismos vários, que torna-se muito mais palpável e interessante nesses termos. E isso sem contar que, num tal escopo de ponderação, as possibilidades historiográficas quanto à literatura são muito mais numerosas e muito mais prolíficas.

Essa argumentação permite ver que é em tais termos que a literatura pode melhor falar e mais interessantemente servir à História Social do Trabalho. Na medida em que a mudança na forma de encarar trabalho, trabalhadores e classe trabalhadora joga a inflexão da investigação tanto sobre a estrutura quanto sobre suas formas dinâmicas e práticas de existência histórica, a literatura torna-se realmente expressiva pois passa a poder ajudar mais efetivamente a captar os nuances do viver desses mesmos sujeitos. Os dilemas ponderativos e não raro verborrágicos de escritores deixa de ser uma linguagem incompreensível para os historiadores, pois o esforço de humanização e desformalização (ao menos em suas manifestações exacerbadas) do trabalho e dos trabalhadores permite averiguar que entre sujeitos históricos e personagens literários há um diálogo bastante mais prolífico do que se poderia acreditar outrora. Sem estar assolado pela formalização rígida ou pela idealização conceitual, o trabalhador da historiografia se deixa sondar pelo personagem da literatura, fazendo com que as questões que mobilizam e estruturam a literatura se façam escopo de investigação e crítica da própria historiografia.

Um romance como *Madame Bovary*, por exemplo, não precisava mais ser tão silencioso à historiografia do trabalho porque Emma não era nem uma típica burguesa nem uma típica operária, nem precisava ser apropriado como simples demonstração da estagnação espiritual do modo de vida burguês, a partir das mesquinhas de Charles Bovary. Reconhecido como elaboração autônoma de Flaubert sobre as condições históricas que

encontrou diante de seus olhos na França *fin-de-siècle*, o livro torna-se ele próprio uma leitura de dimensões epistemológicas, pois fruto do trabalho de um sujeito sobre a realidade palpável que experimentou, sendo balizada pelas pressões de classe, de cultura e de materialidade nas quais se encontrava. A literatura deixa de ser compreendida num sentido restritivamente 'temático', passando a ser expressiva também em termos de elaboração estético-formal. Charles e Emma Bovary continuam sendo indício de comprovação (seja de hipóteses sobre a burguesia francesa do final do XIX ou dos sentidos culturais e ideológicos do matrimônio naquela sociedade, por exemplo), mas passam a aparecer também como problemas na medida em que são tomados "internamente" como fruto das concepções que promulgava aquele sujeito (Flaubert) dentro daquela sociedade, considerando sua materialidade concreta e sua vivência histórica.

Para conseguir fazer sua obra "funcionar" literariamente, Flaubert teve que se apropriar dos sentidos e lógica própria da sociedade e do momento histórico em que escreveu, de modo que as estratégias de realização estética e artística do romance interceptam os modos de pensar e agir daquela sociedade, bem como sua estrutura de classes e, num sentido mais amplo, sua materialidade concreta. Do ponto de vista de uma leitura materialista dialética da história, os adejares reflexivos de Flaubert quanto ao adultério de uma pequeno-burguesa tem uma razão de ser que ultrapassa a realização estética, e que encontra sua origem mais profunda (ainda que numa genealogia complexa) no próprio fazer-se dessa sociedade. Se a história de Emma Bovary provocou os brios complacentes da burguesia francesa e espicou a curiosidade das senhoras suas esposas que deleitaram-se (ruborizadas) com o romance, isso se deve ao fato de ter tocado em pontos sensíveis de uma determinada moralidade e de um determinado ideal de vida e de sociedade que era vivido como realidade por aqueles sujeitos, os quais, vale notar, ocupavam um lugar de poder naquela estrutura econômica e institucional. Ou seja, compreendendo-se como os elementos históricos vão se tornando dínamos que concorrem para

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

a realização artística da obra literária, pode-se mobilizar elementos literários como problemas que lançam luz tanto sobre a "economia interna da obra"²² como também sobre a sociedade dentro da qual ela foi concebida. Trata-se de uma postura similar àquela que mencionou Dorothy Thompson nas leituras de seu marido sobre os românticos ingleses dos anos 1790: "Nesses livros, bem como em tudo o que escreveu, Edward percebia uma grande variedade de formas de expressão literária, não como 'ilustrativas' dos movimentos que estava estudando, mas como parte essencial destes."²³

Um romance tal como *Robinson Crusoé* permite enxergar questões históricas acerca do trabalho para além daquela rubrica ideológica que lhe tem sido concedida pelos pesquisadores (tanto das ciências humanas quanto da crítica literária). O náufrago protagonista da trama foi em grande medida tratado como representante ilustre, quase um protótipo, do *homo economicus* da Economia Política, em virtude de seus comportamentos, sua racionalidade e sua forma de proceder quanto à existência. Essa leitura, aliás muito coerente, se arvora em dois procedimentos principais: uma análise acerca de seu autor (onde se ressalta sua pertença emblemática a determinada classe da sociedade inglesa setecentista), e uma correspondência entre certas máximas da Economia Política e certas descrições de pensamentos e atitudes de Robinson Crusoé (onde se ressalta o utilitarismo burguês e os valores racionais daquilo que weberianamente talvez se pudesse chamar de "espírito do capitalismo").

Perceba-se que ambos os procedimentos carregam a marca de um certo externalismo, já que se centram ora no autor da obra, ora na correspondência dela com a realidade histórica. Perceba-se também que a leitura não deixa de ter acentuado grau de apuro, pois se endereça com bastante acerto quanto a questões basilares do livro. Contudo, o que

²² CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade - Estudos de teoria e história literária*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 21.

²³ THOMPSON, Dorothy. Prefácio de: THOMPSON, E. P. *Os românticos - A Inglaterra na era revolucionária*. op. cit. p. 7.

queremos ressaltar aqui é que nessa abordagem a literatura serve mais à comprovação de argumentos do que à suscitação de problemas, pois as hipóteses são trazidas de fora e de antemão, servindo a literatura como fonte para a historiografia porque veste seus argumentos, porque os faz encarnarem-se e perambularem pelas páginas de uma trama.

Me parece que a abordagem dos marxistas britânicos, quando lida com o limiar "história-literatura", insiste sobre algo que é menos óbvio. Eles reconhecem primariamente a especificidade do texto literário, vendo nele interesse não somente porque existem correspondências entre realidade e ficção aqui ou acolá, mas porque a ficção, em sua lógica própria, traz à baila problemas que têm sua raiz na realidade histórica, servindo estes de escopo para a análise dessa mesma realidade. Precisamente por serem menos categóricos quanto às certezas da Razão e por concederem mais espaço interpretativo para que as evidências empíricas sejam percebidas e sopesadas, eles permitem que a realidade se apresente como problema e não como mera evidência. No caso específico da literatura, as palavras de Thompson sobre Althusser são providenciais, pois mostram como nos esquemas interpretativos deste "(...) todas as evidências 'manifestas' da vida ou da arte são desacreditadas como 'ideologia'"²⁴, pois imediatamente amarradas à sua condição estrutural.

Ponderando especificamente sobre o impacto que essa postura teórico-metodológica teria sobre uma análise historiográfica de *Robinson Crusóé*, talvez se pudesse partir do pressuposto de que apesar de se tratar da história de um naufrago, o livro tem um tom curiosamente otimista. Orientando-se por um princípio que talvez pudéssemos chamar de "paciência metodológica" fugiríamos de conclusões fáceis que buscam uma solução via estrutura (não raro degenerando em ideologismos de toda sorte), tornando-se capazes de notar que a narrativa em questão tem sustentabilidade própria, sendo concebida para "manter-se em pé" como

²⁴ THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou Um planetário de erros*. op. cit. p. 183.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

obra literária e não como indício de ideologia burguesa. Talvez especialmente por ter sido baseada numa história verídica, na sobrevivência de um naufrago escocês chamado Alexander Selkirk, *Robinson Crusoé* se apresenta com um tom de triunfo que causa certo estranhamento. O protagonista raramente se encontra no limite da sanidade e dificilmente vê-se confrontado com as visceralidades de uma vida de sobrevivente: considerando as circunstâncias extremas em que se encontra, Crusoé vivia num bizarro conforto. As histórias de navegação, naufrágio e aventuras marítimas já tinham deitado raízes profundas demais nas mentes europeias para continuar sendo tratadas inocentemente como idílio, e a história de Selkirk, apesar da sobrevivência do escocês, não era tão dada a romantismos quanto pode parecer. Ou seja, compreendendo a especificidade da narrativa literária e a forma como ela se estrutura como literatura (por mais óbvio que isso possa parecer), pode-se perguntar: porque a história de Robinson Crusoé é uma história de triunfo?

A resposta a essa pergunta intercepta as ponderações que viemos construindo sobre a relação entre história do trabalho e literatura, pois ao seguirmos a narrativa vai-se percebendo que há uma descrição pormenorizada e apaixonada de Defoe em relação a cada uma das atividades a que se lançou Crusoé. As expedições de recuperação do carregamento do navio, a construção de um abrigo, o trançar de cestos, a contabilidade dos mantimentos, a preparação das lavouras, a domesticação de cabras, a confecção de um forno (etc.) ocupam um robusto lugar no livro, robusto demais para que o tomemos gratuitamente. O que permite a Crusoé viver com certa tranquilidade existencial é o fato de que ele trabalha com afinco e com devoção, e, além disso, que ele racionaliza e planeja os pormenores desse trabalho. Nesse ínterim, pois, é o trabalho disciplinado e regrado o que lhe permite sobreviver sem grandes cicatrizes corporais ou espirituais. Considerando o fato de que Daniel Defoe testemunhara a ascensão de um mundo burguês em enfrentamento a um mundo aristocrático, as longas descrições laborais de *Robinson Crusoé* não se

revestem de significados acerca do trabalho e do significado dele nessa sociedade? Amparando a realização literária do romance sobre as descrições minuciosas da vida prática e, através delas, sobre a história de triunfo da sobrevivência do protagonista, Defoe não nos suscita problemas quanto às concepções em vigor nessa sociedade (sendo elas próprias as condições de realização dessa obra literária)? O estudo das condições sócio-históricas de realização estética e artística da obra literária não nos pode lançar luz sobre as formas como essa sociedade se digladiava intestinamente em torno do seu fazer-se? Creio que não seja à toa que Marx tenha dado tanta atenção ao termo "robinsonadas" como recurso argumentativo...

Considerações finais

O alargamento e complexificação que Thompson operou em relação às definições e categorias analíticas fundamentais da historiografia e, em específico, nas propostas epistemológicas do materialismo histórico abriram espaço, como buscamos perceber, para apropriações bastante mais complexas das fontes literárias. Voltando-se à história social do trabalho, percebemos que essas mudanças permitem tomar trabalho, trabalhadores e classe trabalhadora num sentido mais lato e menos óbvio e, através disso, criar as condições para uma apropriação da literatura que seja mais fecunda.

O tratamento das obras literárias dentro desse escopo, como afirmamos ao início deste artigo, carrega uma mudança de inflexão considerável em relação à presença de fontes literárias nos escritos de Marx. A natureza dessa apropriação, me parece, mantém-se bastante mais fixa na medida em que os eixos teóricos traçados por Marx, e sua forma de conceber a literatura, estão bastante próximos dos modos de Thompson, inclusive na sofisticação e apuro de suas exegeses. Por outro lado, a inflexão das análises literárias que se constroem ao longo do texto historiográfico é diferente o suficiente para que seja necessário destacá-la.

DOSSIÊ HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E PERSPECTIVAS

Depois dos excessos deformadores do estruturalismo, a história do trabalho e dos trabalhadores se deslocou consideravelmente das propostas mais focadas nas sistematizações, que constituíam o fôlego tanto dos textos de Marx (dentro das condições anteriormente apontadas) quanto dos textos de Althusser (com diferentes sentidos e graus de apuro, obviamente), indo alojar-se em grande medida na tentativa de colocar-se mais próximos ao desenrolar do processo histórico e proceder preferencialmente a partir dali. A diferença de inflexão injeta importância crescente nas condições mais práticas e subjetivas da vida dos trabalhadores, não desviando-se das estruturas, mas tornando-as realidades apreensíveis e ponderáveis enquanto processo. Isso traz à baila problemas distintos dos anteriores na medida em que moral, costumes, tradições, relações de parentesco, manifestações artísticas, discussões de ordem estética, práticas religiosas e místicas, evolução de consciência e comportamento (etc.) passam a funcionar como questões que suscitam, engendram e complexificam problemas acerca do ser e do fazer-se trabalhador e classe trabalhadora.

Em relação a Althusser e ao estruturalismo como um todo (com especial menção à Antropologia) há uma digestão crítica importante no sentido de tomar a existência de estruturas como encaminhamento epistemológico e teórico. Buscou-se notar que elas coagem e pressionam os sujeitos sob formas mais sutis do que se concebia outrora, transmutando-se tão diabólica e engenhosamente em processo como o fazem. E isso se dá inclusive sob os auspícios da consciência e da inconsciência, as quais, tão polêmicos foram, que seguem imprimindo o salutar ceticismo que devem ter todos os estudos.

Em relação a Marx retomam-se aqueles pontos que em seus escritos, por obra das "armadilhas do capital", não puderam ser desenvolvidos com o apuro sistemático e a atenção dedicada, fazendo deles procedimentos de questionamento que expandem e aprofundam as possibilidades de pesquisa. Como o enfoque e seleção dos temas, e as preocupações de tratamento e ênfase da história social diferem consideravelmente das

análises de Marx, as maneiras pelas quais a literatura veio a aparecer ao longo de seus estudos acabou por distinguir-se de algumas daquelas apropriações, passando a responder a ela dentro de escopos distintos. Ao forçarem as fronteiras de temas e problemas que concernem à uma história do trabalho e dos trabalhadores, e que dizem respeito a uma interpretação materialista dialética da história, aquelas aparições da literatura puderam ser apropriadas mais apurada e prolificamente, já que as liberdades concedidas a ela permitiram que pudesse ter sua voz ouvida com maior amplitude.

Para que possamos dar passagem a um final mais ambicioso em termos poéticos, que condiga com o espírito das propostas que aqui levantamos, digamos que quando os olhares de Clio e Calíope se adensaram, a perspicaz coruja de Atena, pousada nos ombros da deusa, deixa seu posto num adejar de asas e voa em direção às duas musas, antevendo sua tarefa de mensageira.

Recebido em 23.06.2016
Aprovado em 27.06.2016